

## **Tão perto e tão longe do Museu Nacional: o que dizem professores que atuam em seu território sobre a visita aos museus?**

### **So near and so far from the National Museum: what do professors who work in your territory say about visiting museums?**

**Andréa Fernandes Costa**

Museu Nacional - MN/ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ;  
Departamento de Estudos e Processos Museológicos – DEPM/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO  
andrea@mn.ufrj.br

#### **Resumo**

Poucos brasileiros visitam museus, que são frequentados por uma maioria branca, com renda e escolaridade elevadas. A escola tem desempenhado papel tímido na formação do gosto cultural dos cidadãos. Reconhecendo a importância da escola pública para a promoção do acesso das camadas populares aos museus, bem como as potencialidades pedagógicas da colaboração museu-escola, desenvolvemos um estudo que investigou junto a professores da Educação Básica que atuam no mesmo território que o Museu Nacional e dois outros importantes museus de ciências, o Jardim Zoológico e o Museu de Astronomia, como eles se relacionam com os museus de modo geral e com o Museu Nacional em particular. Participaram vinte e dois docentes de quatro instituições diferentes, sendo três públicas. Os resultados revelaram que apesar de conhecerem as instituições museológicas situadas no bairro em que lecionam e de reconhecerem a importância pedagógica dos museus, os mesmos pouco os frequentam com os alunos.

**Palavras chave:** colaboração museu-escola, educação museal, Museu Nacional, estudo de público, popularização da ciência

#### **Abstract**

Few brazilians use to visit museums, which are mainly visited by white people, who have high income and high education level. The school has played a timid role in shaping the cultural taste of citizens. Recognizing the importance of the public school to promote the access of the popular classes to museums, as well as the pedagogical potentialities of the collaboration between museums and schools, we developed a study that sought to verify with the Basic Education teachers who work in the same territory as the National Museum and two other important science museums, the Zoo and the Museum of Astronomy, how they relate to museums in general and with the National Museum in particular. Participated twenty-two teachers from four schools, three of them public. The results revealed that although they

know the museological institutions located in the neighborhood and recognize the pedagogical importance of them, they rarely attend them with the students.

**Key words:** museum-school collaboration, education in museums, National Museum, public studies, science popularization

### **Museu, Escola e Exclusão Cultural**

Apesar do aumento no número de museus nas duas últimas décadas no Brasil, estudos recentes apontam para o afastamento de importante parcela da população desses. Apenas 12,3% da população brasileira declarou visitar museus de ciência e tecnologia (MINISTÉRIO..., 2015).

Estudos acerca dos hábitos culturais dos habitantes do município do Rio de Janeiro (HÁBITOS..., 2013; PERFIL...2015) revelaram que apenas 34% (2013) dos cariocas tinham o hábito de visitar museus e, em 2015, o percentual foi ainda menor, 31%. O percentual de cariocas que nunca visitaram esse tipo de instituição é de 25% (PERFIL...,2015). Aqueles que informaram não frequentar museus citaram a falta de interesse como principal razão (65% em 2013 e 39% em 2015). Segundo Bourdieu (2007), a privação de cultura não é necessariamente percebida como tal e conforme aumenta a privação, enfraquece a consciência da mesma. Em 2015, o fato de não haver um museu perto de onde moram ou trabalham e a questão econômica foram citados por 11% dos respondentes, respectivamente (2015). Vemos aqui a atualidade das discussões promovidas por Bourdieu (ibid.), que afirmara que nada é mais acessível que a cultura e que os obstáculos econômicos agem mais fortemente em outras áreas do que nessa. No Brasil, a maior parte dos museus (79,7%) não cobra ingresso (MUSEUS..., 2011) e mesmo assim não são frequentados pelas camadas populares e menos escolarizadas.

O perfil dos visitantes de museus de ciência do Rio de Janeiro aponta para os elevados níveis de escolaridade de seu público de visitação espontânea, ao passo que 24% desses possuem ensino superior incompleto, 24% ensino superior completo e 19% p s-gradua o (COSTA et.al, 2015).

A partir da constata o de forte liga o entre a instru o e a frequência a museus, Bourdieu (2007, p.59) conclui que somente a escola pode criar (ou desenvolver) a aspira o   cultura, mesmo   cultura menos escolar. Contudo, qual tem sido de fato o papel desempenhado pela escola na forma o do gosto cultural dos cidadãos hoje?

Os moradores do Rio atribuem papel menos importante   escola no que diz respeito   forma o do gosto cultural, ao passo que essa, bem como os professores, aparecem em quinto lugar, tendo sido citados por apenas 8% dos entrevistados. Ao contrário, os pais foram aqueles que mais exerceram influência sobre o gosto cultural dos entrevistados (35%); seguido por amigos (27%); familiares e parentes (23%) e namorado/a ou cônjuge (14%) (HÁBITOS..., 2013).

Em rela o aos museus, Bourdieu (2007) afirma que as oportunidades oferecidas pela família são particularmente determinantes. A maioria dos visitantes de museus faz a sua primeira visita antes dos 15 anos e as visitas precoces são mais frequentes na medida que se eleva a hierarquia social.

Pesquisa quantitativa que estudou a rela o entre cultura, museus, jovens e escolas no Rio de Janeiro, constatou que as escolas públicas têm sido as grandes responsáveis pelo acesso de jovens da classe popular aos museus (CAZELLI, 2005). A maior parte das escolas se situa em territórios que carecem de museus, muitas dificuldades são enfrentadas por essas institui es

para a realização de visitas e o transporte é citado como a principal delas. Por outro lado, poucos museus dispõem de ônibus para o transporte de visitantes e seus educadores relatam que as escolas que ficam perto dos mesmos não os frequentam. Esse cenário não é diferente do observado pelos profissionais que atuam no setor educativo do Museu Nacional - MN.

Em 2011, o MN recebeu a visita de 1.039 grupos, em sua maioria escolas públicas (59%) e instituições situadas fora da cidade do Rio (59%). Em 2012, a maior parte dos 963 grupos era formada por escolas públicas (61%) e 57% do total tinham origem em outros municípios que não a capital fluminense. Os percentuais pouco se alteraram em 2013, quando o MN recebeu a visita de 1017 grupos, sendo 61% deles instituições públicas e 56% do total não vinham do município do Rio. Em média o MN é visitado ao ano por escolas de 65 diferentes municípios do Estado. A frequência de escolas geograficamente tão distantes (registramos a presença de instituições localizadas a mais de 300 km) contrasta com a pouca frequência de grupos oriundos de São Cristóvão, bairro onde se localiza o MN. Dentre os 1.046 grupos que o visitaram em 2014, identificamos apenas 7 grupos de 5 instituições localizadas no bairro.

Reconhecendo a importância da escola para a promoção do acesso das camadas populares aos museus, bem como as potencialidades pedagógicas resultantes da colaboração entre museus e escolas, devemos levantar junto aos educadores que atuam em instituições situadas no mesmo território que o Museu Nacional quais são suas percepções acerca da visita aos museus, como esses se inserem em seu tempo livre e em sua prática pedagógica, assim como qual o seu grau de conhecimento e interação com os museus do bairro em que lecionam. Foi nesse contexto que se desenvolveu o presente estudo exploratório, cujos sujeitos da pesquisa foram docentes da Educação Básica que atuam em instituições escolares situadas em São Cristóvão, onde encontramos o Museu Nacional e outros dois museus de ciências, o Jardim Zoológico e o Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. O objetivo geral era investigar a relação dos referidos docentes com os museus, de modo geral, e com o Museu Nacional, em particular.

## **A Educação Museal e a Colaboração Museu-Escola**

Os museus são importantes espaços de produção e popularização de conhecimentos, fontes para a educação e ampliação cultural da sociedade, lugares onde se promove a educação pelo objeto, realidade natural e/ou cultural que pode apontar em direção a outros referenciais para desvendar o mundo. (LOPES, 1991).

Nas instituições museológicas se promove a educação museal, produto de *“iniciativas de educação teoricamente referenciadas desenvolvidas no âmbito de processos museais”* (PNEM, 2014). No contexto dos programas, projetos e/ou ações educacionais implementados pelos museus se destaca a educação não formal, modalidade educacional que compreende, de modo geral, um *“conjunto de meios, processos e instituições específicas e diferentemente organizadas, com objetivos educacionais explícitos, sem se pautar na hierarquização e sequencialidades próprias do sistema educativo regado”*. (TRILLA, 1998).

Entendemos que o potencial educacional do museu pode se concretizar mais pelo despertar do interesse no assunto e pela motivação intrínseca do que pela assimilação de conteúdos (CAZELLI, COIMBRA, 2012) e que *“o museu é insubstituível no estágio mais importante do processo cognitivo: o início. Saindo da indiferença para a vontade de aprender”* (WAGENSBERG, 2005, p.3). Em relação aos museus de ciência, uma importante função é a popularização do conhecimento científico, que consiste em levar a ciência para o campo da participação popular, possibilitar que a mesma esteja a serviço de todos e adotar para isso práticas pautadas em uma ação cultural reflexiva e dialógica com base na valorização da vida

cotidiana e do universo simbólico do outro (GERMANO; KULEZSA, 2007).

Entendemos que o trabalho colaborativo dos museus com as escolas é fundamental para a aprofundar e ampliar o alcance social do trabalho realizado pelos primeiros, uma vez que a escola é a instituição com maior penetração na sociedade e capacidade de promover a sistematização com continuidade da ação educativa. Pesquisa sobre um projeto realizado a partir de trabalho cooperativo entre museus e escolas concluiu que deve ocorrer uma divisão e combinação de trabalho que respeite as missões e especificidades de cada uma das instituições. A ideia de uma instituição suprir as possíveis carências da outra (a escola a carência de público do museu; e esse a falta de equipamentos/laboratórios da primeira) deve ser superada para que os potenciais educativos de ambos se combinem de forma a criar um impacto social mais amplo do que a simples soma daquele que cada instituição conseguiria isoladamente. (VASCONCELLOS, 2008).

É importante compreender a perspectiva dos professores (seus objetivos, expectativas e necessidades) no que diz respeito às visitas escolares aos museus, de modo que esses espaços desenvolvam ações educativas mais adequadas às intenções dos professores, sem desviar-se, entretanto, de suas especificidades pedagógicas (REQUEIJO et. al., 2012). Anderson et al. (2006), descreve e discute resultados de três estudos que investigaram a perspectiva do professor sobre visitas escolares a espaços de educação não formal nos Estados Unidos, Canadá e Alemanha e aponta que há algumas semelhanças, dentre elas estão: a valorização das visitas pelos professores; a responsabilidade dessas visitas em proporcionar experiências de aprendizagem; os obstáculos no planejamento e implementação das viagens; a importância atribuída aos conteúdos curriculares e a relação deste com o conteúdo da visita (particularmente nos Estados Unidos e Canadá).

## **Desenvolvimento do estudo e Resultados**

Com o intuito de gerar dados para esse estudo, elaboramos um instrumento de pesquisa<sup>1</sup> que foi aplicado junto aos professores que atuam em escolas localizadas no bairro de São Cristóvão. Considerando a dificuldade de encontros presenciais com os sujeitos da pesquisa, optamos pela elaboração de um questionário *on-line*. Enviamos o mesmo para os endereços eletrônicos de catorze escolas situadas no bairro<sup>2</sup>, sendo dez municipais, uma estadual, uma pública federal e duas privadas. Apenas um e-mail dirigido a uma escola municipal não chegou a seu destino, pois havia algum equívoco no endereço informado no site da Prefeitura. Promovemos o contato telefônico com as escolas citadas e com escolas privadas existentes no bairro, mas cujos e-mails não foram localizados. Esses contatos não surtiram o efeito desejado, ao passo que na maior parte das vezes as chamadas não foram atendidas. Acionamos a Diretoria de Pesquisa do colégio federal com o intuito de fomentar a participação dos professores daquela instituição. Contatamos um docente de uma escola municipal e pedimos que nos ajudasse a divulgar a pesquisa junto aos seus colegas.

Ao todo, 22 docentes participaram da pesquisa. A maior parte possui entre 36 e 55 anos (N=17 em 22), atua em uma escola pública federal (N=18 em 22) que dista 1,2km do MN (16min a pé), dois atuam em uma escola pública municipal localizada a 750m (9min a pé) do

---

<sup>1</sup> Para a elaboração do instrumento de pesquisa utilizado no presente estudo nos apoiamos na pesquisa promovida por Kisiel (2005), que procurou compreender as motivações e estratégias dos professores de ensino fundamental para realizar uma visita de campo “bem sucedida” ao museu de história natural em Los Angeles.

<sup>2</sup> Para o levantamento desses dados utilizamos ferramentas de busca disponíveis na internet, bem realizamos consultas nos sites das Secretarias de Educação do Município e do Estado do Rio de Janeiro.

MN, um atua em uma creche pública municipal situada a 1,9km (25min a pé) e outro atua em uma escola privada que fica a 1km do Museu (13min a pé). Acerca do segmento em que os docentes atuam, foram registradas 18 ocorrências para *Ensino Médio* (N=18 em 22), 4 para *Ensino Fundamental II* (N=4 em 22) e 1 ocorrência para *Educação Infantil* (N=1 em 22). O número de ocorrências é maior do que o de participantes, pois um mesmo professor leciona para mais de um segmento. No que diz respeito às disciplinas lecionadas, as mais citadas, com 4 ocorrências cada, foram: *Matemática, Língua Estrangeira, Português/Literatura*. Registramos 1 ocorrência para cada uma das disciplinas a seguir citadas: *Biologia, Artes, Sociologia, Filosofia, Física e Química*. Um respondente (que atua na Educação Infantil) ministra *todas as disciplinas* de seu segmento e um outro que atua no Ensino Fundamental II informou lecionar as disciplinas *História, Geografia, Português/Literatura*, além de uma outra não relacionada em nosso questionário: *Cinema*. Outras disciplinas/funções citadas foram: *Redação, Coordenação Pedagógica, Ciências e Técnico em Informática*.

Perguntamos aos professores em quais instituições do tipo “museu” eles já haviam levado seus alunos ao longo da carreira. A ida a *Centros Culturais* foi a mais citada (N=12 em 22), seguida por *Planetários* (N=9 em 22), *Museus de Arte e Parque Municipal, Estadual e/ou Federal* (N=7 em 22 cada), *Museus de História Natural, Museus Históricos, Centros de Ciência* (N=6 em 22 cada), *Observatórios* (N=4 em 22) e por fim *Zoológicos* (N=3 em 22). A promoção de visita de alunos a Museus de História Natural foi mencionada por quem informou atuar na Coordenação Pedagógica, e lecionar Ciências; Biologia; Matemática (N=2 em 6) e História, Geografia, Português/Literatura e Cinema. Um professor de matemática, levou alunos a Centros de Ciência e ao Instituto de Matemática Pura e Aplicada – IMPA, uma professora de artes informou ter levado a galerias e um professor de Português/Literatura não assinalou a ida às instituições do “tipo” museu, mas citou a visita à Academia Brasileira de Letras. Apenas 4 professores (em 22) *nunca levaram seus alunos a esse tipo de instituição* (1 professor de matemática, 1 de Técnico de Informática, 1 de Química e 1 Língua Estrangeira).

Perguntamos, também, se já haviam levado alunos para visitar um local que não fosse um museu ou instituição similar. A maior parte (N=14 em 22) respondeu que sim. Os locais mais citados foram *Universidade e Centros de Pesquisa* (N=4 em 14). Foram citados *Floresta da Tijuca e Teatro* (N=2 em 14 cada), assim como *Praia; Cinema; Bibliotecas/mediatecas; Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro; Jardim Botânico, Zoológico; Comunidade Indígena e Quilombola; Feira de Estágios e Tecnologia, Pista Claudio Coutinho; Rio Antigo; Sítios; Parques Aquáticos e Manguezal* (N=1 em 14 cada).

Procuramos saber o que os professores buscam ao promover a visita de seus alunos a um museu. Quase a metade dos respondentes (N=10 em 22) disse que busca fazer com *que os alunos fiquem motivados e interessados em aprender mais*. A segunda afirmativa mais citada (N=6 em 22) revelou que os mesmos procuram com as visitas *estimular os alunos a discutir e questionar sobre os assuntos abordados*. Outros (N=3 em 22) buscam *que os alunos relacionem o que viram no museu com o que estão aprendendo na escola*, enquanto 2 (em 22) *esperam que a visita promova a absorção de novos conhecimentos* (N=2 em 22) e apenas 1 respondente (em 22) disse que deseja que com a visita *que os alunos se divirtam e falem empolgados sobre a experiência no museu* (N=1 em 22). Entre as alternativas apresentadas e não assinaladas pelos respondentes estão: *que os alunos se comportem e se concentrem durante toda a visita e participem da visita conforme o previsto sem nenhum incidente*.

Com o intuito de dar maior liberdade para os professores expressarem suas percepções acerca da função educativa dos museus, perguntamos aos mesmos qual a importância dos museus na vivência e aprendizagem. A palavra mais citada nas respostas dadas pelos professores foi *conhecimento* (N=8 em 22). *Estímulo e experiência/experimentação* são ideias recorrentes. A

associação do museu ao concreto em contraposição ao abstrato do livro didático também se faz presente nas respostas.

Ao serem questionados sobre a frequência com a qual promovem visitas de alunos a museu, a maior parte disse que *nunca promove visitas* (N=8 em 22), seguidos por aqueles que promovem visitas *1 vez a cada 2-3 anos* (N=6 em 22). Os demais respondentes disseram promover visitas a museus *1 vez por ano* (N=4 em 22), enquanto outros afirmaram que o fazem de *2 a 3 vez ano* (N=3 em 22). Apenas um docente promove *mais de 5 visitas por ano*.

Acerca dos fatores que dificultariam a realização de saídas escolares, o aspecto mais citado foi o *transporte* (N=16 em 22) e depois a *disponibilidade de horário dos professores* (N=7 em 22). Outros citados foram: a *dificuldade de agendamento de visitas* (N=5 em 22), a *distância* (N=3 em 22), *divergência entre currículo escolar e o conteúdo disponível no local a ser visitado* (N=2 em 22). Com apenas uma citação cada foram indicados, *horário de funcionamento dos museus; dificuldade de comunicação com os museus* e o *valor do ingresso*. Outros aspectos acrescentados pelos respondentes foram o *calendário apertado* e a *falta de interesse do chefe do departamento*. Apesar de relacionados no questionário, não foram citados pelos respondentes como fatores que dificultam as visitas a *falta de interesse por parte dos alunos* ou a *falta de apoio dos responsáveis* pelos alunos e nem mesmo a *localização dos museus*.

Procuramos saber como esses mesmos docentes se relacionam com os demais museus/ espaços culturais situados no bairro. Para tanto perguntamos quais das instituições relacionadas já haviam visitado fora do horário de trabalho<sup>3</sup>. A instituição mais citada foi o *Museu Nacional* (N=20 em 22), seguida pela *Fundação Jardim Zoológico do Rio de Janeiro* (N=16 em 22), *Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST* (N=9 em 22), *Museu Militar Conde de Linhares* (N=6 em 22) e *Centro Hípico do Exército /Batalhão de Guardas do Imperador* (N=2 em 22). Nenhum respondente registrou ter feito uma visita ao *Centro Cultural Maçônico*. Na categoria outros foram registradas visitas ao Solar da Imperatriz e à Casa da Marquesa de Santos (extinto Museu do Primeiro Reinado, há vários anos fechado para reformas). Apenas dois respondentes (N=2 em 22) afirmaram que nunca haviam visitado qualquer museu ou espaço cultural do bairro.

Quando perguntamos quais desses museus os mesmos já visitaram na companhia de alunos, os números caíram bastante. Entre aqueles que já haviam levado alunos a museus (N=18), metade disse que nunca visitou instituições de São Cristóvão com os educandos (N=9 em 18). No bairro, informaram ter visitado com alunos o Jardim Zoológico (N=7 em 18), o Museu Nacional (N=6 em 18), o Museu de Astronomia/MAST (N=5 em 18), o Museu Militar Conde de Linhares/Centro Hípico do Exército (N=2 em 18 cada) e Casa da Marquesa de Santos/Extinto Museu do Primeiro Reinado (N=1 em 18). Identificamos, assim, que quase todos os participantes da pesquisa já visitaram o MN (N=20 em 22), contudo apenas seis deles já o visitaram acompanhados de seus alunos (N=6 em 22).

Buscamos saber quais atividades/ projetos o Museu Nacional deveria promover para atrair os professores que atuam nas escolas do bairro de São Cristóvão. Dos 22 participantes, 16 apresentaram suas sugestões. Foram citados a realização de *atividades interativas, atrativas e interessantes para os alunos* (N=2 em 16), a *promoção de feiras de ciências, jornadas científicas e mostras* (N=2 em 16), *ciclos de palestras/jornadas temáticas* (N=2 em 16) e também a *promoção de cursos de formação continuada para professores com o intuito de trabalhar a relação da escola com as instituições do entorno* (N=2 em 16). Outras sugestões

---

<sup>3</sup> A relação contemplou aquelas instituições culturais situadas em São Cristóvão e que participam do evento Turismo Cultural no Bairro Imperial, realizado há 8 anos consecutivos durante a Semana de Museus. Ao longo do final de semana são disponibilizados ônibus gratuitos que realizam um circuito com paradas para saída e entrada de passageiros nas instituições culturais participantes. O acesso a todos os espaços também é gratuito.

apresentadas foram *exposição interativa para bebês; a visita às escolas; realização de visitas voltadas para professores; exibição de documentários nacionais, oficinas de ciências; workshops; atividades para Educação Básica e atividade sobre ciência e pesquisa*. Um respondente disse que se deve *manter o que já faz* e outro ponderou que *“pode não passar de carência na divulgação das atividades/projetos já existentes”*.

## Considerações finais

Os docentes que participaram da pesquisa, assim como aqueles apresentados por Anderson (2006), valorizam a visita aos museus e reconhecem a importância dessas instituições para possibilitar aos seus alunos o contato direto com obras, a experimentação e interação com as mesmas e também como espaços para instigar, motivar, estimular os discentes na busca por novos saberes e pela ampliação de seus horizontes culturais. Ao contrário do observado entre os professores estadunidenses e canadenses, os alunos relacionam o que viram na visita com o que estão aprendendo na escola, assim como uma possível divergência entre currículo escolar e o conteúdo disponível no museu a ser visitado, tem menor importância. Para os participantes desse estudo a visita ao museu é vista como oportunidade de motivar e fazer com que os alunos se interessem em aprender mais, revelando que as expectativas dos docentes em relação ao trabalho educativo desenvolvido pelos museus são semelhantes as dos educadores que atuam nessas instituições e coerentes com suas concepções de educação não formal e de educação museal. Contudo, apesar do elevado grau de valorização das visitas aos museus por parte dos participantes do estudo e de, ao longo de suas carreiras, a maior parte já ter levado seus alunos a museus de diferentes tipologias, as visitas atualmente se revelaram para a maioria inexistentes ou pouco frequentes. Os docentes possuem um bom conhecimento acerca do MN, em especial, e dos demais museus e equipamentos culturais situados no bairro onde lecionam, no entanto a maior parte disse nunca tê-los visitado acompanhados de estudantes. Diante desse dado, chama a atenção o fato do transporte ter sido citado pelos mesmos como o fator que mais dificulta a visita de alunos a museus. Por qual motivo não visitam os museus localizados a poucos metros de suas escolas? Muitas das sugestões apresentadas pelos mesmos acerca do que poderia ser feito pelo Museu Nacional para atrair suas atenções já são promovidas pela instituição, dentre elas cursos de extensão para professores de escolas públicas<sup>4</sup>, inclusive com oferta de ônibus para a realização de visitas. Os resultados desse estudo exploratório apontam para a relevância de se investir em ações de comunicação que privilegiem a divulgação dos programas, projetos e ações educacionais e extensionistas do Museu Nacional junto aos docentes que atuam no bairro. Os educadores dos museus situados no mesmo deveriam se organizar, assim como acontece para a realização do tradicional projeto “Turismo Cultural no Bairro Imperial” para desenvolver, no âmbito do desse evento, mas não só, ações específicas voltadas para a comunidade escolar de São Cristóvão. Buscaremos ampliar e diversificar nossa amostra e faremos alguns ajustes no instrumento de pesquisa. Acrescentaremos as seguintes questões: *Cite museus aos quais você gostaria de poder levar seus alunos; Quais são os maiores empecilhos para a promoção de visitas de seus alunos aos museus do bairro?* É preocupante que milhares de crianças e jovens, a maior parte delas pertencentes às camadas populares de nossa sociedade, frequentem

---

<sup>4</sup> Em 2016 foram oferecidos pelo setor educativo do Museu Nacional dois cursos: o “Descobrir a Terra – Curso de Extensão em Educação em Geociências”, voltado para formação continuada de docentes nos campos da educação em museus, ciências naturais e geologia e o outro, voltado para graduandos de universidades públicas e particulares, guias de turismo e professores dos diferentes segmentos das redes pública e privada, cujo objetivo era formar mediadores e outros profissionais visando a aprimorar sua atuação em museus de ciência, especialmente no Museu Nacional.

escolas localizadas em um bairro com uma oferta cultural tão significativa sem nunca ter oportunidade de conhecê-la, a espera de um ônibus para levá-las para mais longe, ônibus esse que talvez nunca chegue.

## **Agradecimentos e apoios**

Agradeço ao Programa Jovens Talentos para a Ciência da FAPERJ e aos bolsistas do Programa, Mariana Mendonça e Felipe Perini, que contribuíram para a coleta de dados para essa pesquisa.

## **Referências**

ANDERSON, D.; KISIEL, J.; STORKSDIECK, M. Understanding Teachers' Perspectives on Field Trips: Discovering Common Ground in Three Countries. **Curator: The Museum Journal**, v.49, n.3, p.365, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CAZELLI, S.; COIMBRA, C. A. Q. Pesquisas educacionais em museus: desafios colocados por diferentes audiências. In: **Workshop Internacional de Pesquisa em Educação em Museus**, 2012, São Paulo, SP. Anais do Workshop Internacional de Pesquisa em Educação em Museus. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2012. 1 CD-ROM.

CAZELLI, Sibebe. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

COSTA, Andréa, DAMICO, Sergio; GONÇALVES, Monica; CAZELLI, Sibebe; CRUZ, Wailã. **Museus de ciência e seus visitantes: pesquisa perfil-opinião 2013**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz / Museu da Vida, 2015.

GERMANO, M. G.; KULESZA, W. A. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 7-25, abr. 2007.

**HÁBITOS culturais dos cariocas - População residente na cidade do Rio de Janeiro com 12 anos ou mais**. Rio de Janeiro: Datafolha, JLeiva Cultura & Esporte e Secretaria Municipal de Cultura. 2013. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4478506/4113215/HabitosCulturaisCarioca.pdf>>. Acesso em: jul. 2014.

KISIEL, J.F. Understanding elementary teacher motivations for science fieldtrips. **Science Education**, v.89, n.6, p.936-955, 2005.

LOPES, Maria Margaret. A Favor da Desescolarização dos Museus. **Educação e Sociedade**, v.14, n.40, 1991.

MINISTÉRIO da Ciência e Tecnologia. **Percepção pública da ciência e tecnologia 2015 - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros**. Sumário executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015.

**PERFIL Cultural dos Cariocas, Datafolha, 2015**. Disponível em: <

<http://www.culturatorio.com.br/>> Acesso em jan.2017.

PNEM. **Documento Preliminar do Programa Nacional de Educação Museal**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2014. Disponível em: < <http://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/DOCUMENTO-PRELIMINAR2.pdf> > Acesso em: jan.2017.

REQUEIJO, F.; COSTA, A. F.; AMORIM, A. G.; CAZELLI, S. Conhecendo as expectativas dos professores em relação aos museus para promover a colaboração Museu-Escola. In: **Encontro Internacional de Educação Não Formal e Formação de Professores**, 2012, Rio de Janeiro, RJ. Anais do Encontro Internacional de [Educação não formal e formação de professores](#). Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, 2012.

TRILLA, Jaume. **La educación fuera de la escuela**. Barcelona: Ariel. 1998.

VASCONCELLOS, Maria das Mercês N. Educação em Museus: Qual é a especificidade deste campo? Qual é a importância de se respeitar de forma rigorosa as especificidades do mesmo?. Dossiê sobre Educação em Museus. **Ensino em Re-vista**. V.20, n.1, 2013, p.29-42.

WAGENSBERG, J. O museu “total”, uma ferramenta para a mudança social. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, v.12, 2005.